

As neuroses atuais e as novas formas de sofrer.¹

Miguel Calmon du Pin e Almeida²

“Nós não temos ouvidos pelo simples fato de termos ouvidos. Nós temos ouvidos e podemos estar fisicamente armados de orelhas porque ouvimos. Os mortais escutam o trovão do céu, o vento da floresta, o murmúrio da fonte, os acordes da harpa, o ruído dos motores, o barulho da cidade, somente e na medida em que de tudo isto já fazem ou não fazem parte”.(Heidegger, Martin; *Logos: Heráclito, Fragmento 50*. In Coleção “Os pensadores”, pg 121).

*A elevação dessas tensões é, em geral, sentida como desprazer, e o seu abaixamento, como prazer. É provável, contudo, que aquilo que é sentido como prazer ou desprazer não seja a altura absoluta dessa tensão, **mas sim algo no ritmo das suas modificações.*** (Freud, Sigmund; *Esboço de Psicanálise* - cap I. Ed. Imago) (grifo nosso).

Sumário

Partindo da necessidade de aprender a escutar as novas formas de sofrimento agenciadas pela contemporaneidade, o autor busca na leitura das neuroses atuais as bases freudianas para os esforços de teorização destes novos modos de adoecer, onde o banal ganha destaque todo especial. Trata-se de uma clínica marcada por ritmos, intensidades e pequenos movimentos, que obrigam o analista a colocar entre parênteses, mesmo que temporária e parcialmente, o modelo de aparelho psíquico tal como concebido na *Interpretação dos Sonhos*.

.

¹ Este artigo é uma parte modificada do trabalho *Sobre as bases freudianas da psicossomática psicanalítica: um estudo sobre as neuroses atuais*, publicado na Revista Brasileira de Psicanálise (vol 27, n° 1, 2003) escrito em conjunto com Admar Horn

² membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)

I – Introdução

Antecipo-lhes que trataremos nesta discussão de algo sobre os ritmos; buscaremos dignificar a banalidade como sendo o fator de diferença quanto aos modos de satisfação; faremos o esforço de evitar as interpretações de conteúdo com vistas a privilegiar as pequenas modulações de intensidade no ritmo das tensões entre prazer e desprazer.

Para tanto, e à guisa de uma petição de princípios, lembremos do que diz Freud acerca do estatuto epistemológico do conceito de pulsão. *“Assim, rigorosamente falando, elas são da natureza das **convenções** — embora tudo dependa de não serem arbitrariamente escolhidas, mas, determinadas por terem relações significativas com o material empírico, relações que parecemos sentir antes de podermos reconhecê-las e determiná-las claramente”*.

Convenção vem do *antepositivo*, do *v.lat. vinco, is, víci, victum, vincère* 'vencer, ganhar, prevalecer, levar vantagem, sair vencedor'. Este é o estatuto do conceito de pulsão: uma medida de força, de fazer prevalecer. *“Nossa mitologia”*, nos dirá Freud. Aquilo através do que enfrentaremos o que somos “totalmente incapazes de formar uma concepção”.ⁱⁱ

Esta indicação serve para colocar limites em nossas pretensões de exaurir os modos de entendimento do acontecer humano; serve para dizer da impossibilidade das palavras recobrirem absolutamente as coisas; serve para dizer das palavras,

estas “servas de estranha majestade”, como dizia Carlos Drummond de Andrade; serve para determinar algo sobre o estatuto epistemológico dos conceitos; serve para dizer do incognoscível da coisa, *Das Ding*, e assim dar visibilidade ao hiato entre a natureza e o homem. Estabelecemos convenções, interpolamos sentidosⁱⁱⁱ mas nada que seja capaz de dizer completamente a condição humana. Não sabemos porque os homens adoecem e, até mesmo, acreditamos que quanto mais julgamos definitivas nossas certezas sobre o adoecer, mais distantes ficamos da questão que nos ocupa. Os homens recalcam o horror que produz o paradoxo de sermos causados por algo sobre o qual não temos controle e que nos escapa.

Dos excessos do acontecimento banal às neuroses atuais; das fantasias às psiconeuroses.

No intuito de estabelecer as condições necessárias para o entendimento das neuroses atuais, devemos considerar a questão acerca do que é o psíquico para constatar que o psíquico não esgota as possibilidades da experiência humana e nem pré-existe a ela^{iv}. Na seqüência, pensar sob que condições os elementos sensíveis da experiência se mostram capazes de formar objetos, isto é, de se representar psiquicamente.

Freud, em *Inibição, Sintoma e Angústia*, nos dá algumas pistas: *“Nosso ponto de partida será novamente a única situação que acreditamos compreender — a situação da criancinha quando se lhe apresenta um estranho em vez de sua mãe. A primeira exibirá a ansiedade que atribuímos ao perigo de perda de objeto. Mas sua ansiedade é indubitavelmente mais complicada do que isto e merece um exame mais completo. Que ela tem ansiedade não resta a menor dúvida, mas a expressão de seu rosto e sua reação de*

*chorar indicam que ela está também sentindo dor. Nela parecem estar reunidas certas coisas que depois serão separadas. Ela não pode ainda distinguir entre a ausência temporária e a perda permanente. Logo que perde a mãe de vista comporta-se como se nunca mais fosse vê-la novamente; e repetidas experiências consoladoras, ao contrário, são necessárias antes que ela aprenda que o desaparecimento da mãe é, em geral, seguido pelo seu reaparecimento. A mãe encoraja esse conhecimento, que é tão vital para a criança, fazendo aquela brincadeira tão conhecida de esconder dela o rosto com as mãos e depois, para sua a, de descobri-lo de novo. Nessas circunstâncias a criança pode, por assim dizer, sentir **anseio desacompanhado de desespero.**” (Ed. Imago)(grifos nossos)*

Se supusermos o princípio do prazer como uma superfície lisa, sem atritos e obstáculos, isto é, onde não há possibilidade de retenção do fluxo por qualquer obstáculo, seja espacial ou temporal, então tratar-se-á de acrescentar a tal superfície as dobras do espaço e do tempo de modo a que o fluxo de energia seja marcado por impedimentos, acidentes, ordenando os modos de fluir da excitação. A espessura do pré-consciente será dada por estas marcas.

A palavra simples serve para dizer aquilo que não tem dobra. “Simples” vem do latim *plectere*, que significa dobrar, envergar; o prefixo latino “*sim*” indica uma negação (à diferença do prefixo grego “*syn*” que indica “junto com”). Deste modo, simples significa o que não tem dobra. Assim, o princípio do prazer é simples no sentido de apenas conhecer o movimento de descarregar seu montante de excitação alucinatória e imediatamente. Rugas, dobras são a expressão dos elementos sensíveis da experiência através

das quais o tempo e o espaço se inscrevem no psiquismo. À medida em que se marcam, vão modificando a superfície sobre a qual se inscrevem, modulando-as, diferenciando-as e estabelecendo vias associativas. Formando cadeias. Por esta razão, o princípio da realidade é complexo, isto é, se constitui no e pelo conjunto de dobras. Entre mim e você, um espaço; entre o desejo e a satisfação do desejo, uma espera.

Portanto representar psiquicamente significa observar algumas condições, sem o que, **por excesso ou falta**, a inscrição psíquica não se faz. Implica os elementos sensíveis da experiência, isto é, o jogo da repetição consoladora, do encorajamento da mãe, das brincadeiras, dos cheiros, dos gostos, da “arte da conversação”, que articuladas às representações-palavra, formarão o objeto e com ele o aparelho psíquico.

Freqüentar as neuroses atuais significa freqüentar um mundo de buracos, de vazios no psiquismo, onde as condições de formação dos objetos não se cumprem, **por excesso ou falta**, e que, deste modo, vagueiam atrás de “repetições consoladoras” a fim de que possam experimentar o “anseio desacompanhado de desespero”, condição que se dá na medida em que consolados pela presença da ausência do objeto, isto é, consolados por terem-no representado psiquicamente.

II – As neuroses atuais.

A afirmação de que nem tudo o que é sexual é psíquico implica que as neuroses atuais e os sintomas “atuais” dizem de um resto que não se transforma. Eles são uma espécie de testemunha do **big-bang** que origina o nó entre corpo e mente. Freud os compara **ao grão de areia no centro da pérola**, isto é, que as neuroses

atuais fornecem às psiconeuroses “a necessária **submissão somática**; elas fornecem o material excitativo, que é então *psiquicamente selecionado e recebe um ‘revestimento psíquico’*, de maneira que, falando de modo geral, o núcleo do sintoma psiconeurótico — o grão de areia no centro da pérola (estigma^v) — é formado de uma manifestação sexual somática^{vi}”.

Neurose atual e estigma se equivalem na medida de sua irreduzibilidade ao psíquico. Uma neurose atual é produzida por tudo aquilo que mantém a tensão sexual somática afastada da esfera psíquica, por tudo o que interfere em sua elaboração psíquica. A diferença decisiva entre os sintomas das neuroses ‘atuais’ e os das psiconeuroses é que os sintomas das neuroses ‘atuais’ — “*pressão intracraniana, sensações de dor, estado de irritação em um órgão, enfraquecimento ou inibição de uma função*” — não têm nenhum ‘sentido’, nenhum significado psíquico, nenhuma história, apesar de compartilharem com as psiconeuroses o fato de serem sintomas que se originem da libido e de serem modos de satisfação substitutiva. Portanto constituem processos inteiramente somáticos, em cuja origem estão ausentes todos os complicados mecanismos mentais que já conhecemos na formação dos sintomas psiconeuróticos e dos sonhos.

Penetramos no mundo das intensidades psíquicas, dos ritmos, das esperas, dos cheiros, dos gostos, das luminosidades, a partir das quais sujeito e objeto se engendram mutuamente. Inferimos, interpolamos um sentido, imaginamos a concepção que uma criança faz do seio da mãe: uma determinada cor contrastada a outras cores; cercada por uma determinada luz; certo cheiro; uma pele com tal textura, forma e rugosidades; embalada pela musicalidade de uma voz que se mistura aos sons que a própria

criança emite; um gosto particular e que sacia a fome. São estas dobras (rugosidades, marcas) que darão a espessura que o pré-consciente necessita a fim de que esta colagem possa, através das repetidas experiências consoladoras de presença e ausência, um dia vir a se constituir em 'mãe e bebê'. Será na presença do objeto que a criança constituir-se-á como sujeito. Criando o objeto, a criança se representa e pode tolerar a separação da mãe e, conseqüentemente, esperar por seu reaparecimento. Deste modo evita que o excesso de excitação seja defletido sob a forma de angústia, "*anseio desacompanhado de desespero*" como afirmava Freud em *Inibição, Sintoma e Angústia*.

Quando esta transformação não acontece, o acúmulo de excitação sexual somática transborda e deixa marcas "altamente obscuras" que não chegam a produzir nem sujeito nem objeto em torno delas. É o que se acontece nas neurastenias, nas neuroses de angústias e nas hipocondrias, neuroses atuais que Freud também chamou de neuroses reais, com aspas^{vii}.

A título de uma pequena revisão de como o conceito sobrevive ao longo da obra freudiana, vale dizer que, em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926), Freud afirma que não se trata de recusar seus primeiros achados, *mas de pô-los em harmonia com descobertas mais recentes*. E prossegue dizendo que se constitui ainda um fato inegável que na abstinência sexual, na interferência imprópria no curso da excitação sexual, ou se esta for desviada de ser elaborada psicologicamente, **a ansiedade surge diretamente da libido**; em outras palavras, *que o ego fica reduzido a um estado de desamparo em face de uma tensão excessiva devida à necessidade e o que encontra descarga na geração da ansiedade é precisamente o excedente da libido não utilizada*. Acrescenta em

1932, na conferencia XXXII, *Ansiedade e vida instintual*, a correlação entre o desamparo, a castração e o medo do superego, por um lado, e, os estágios de maturidade do ego, por outro. Diz que: *“O perigo de desamparo psíquico ajusta-se ao estágio da imaturidade inicial do ego; o perigo de perda de um objeto (ou perda do amor) ajusta-se à falta de auto-suficiência dos primeiros anos da infância; o perigo de ser castrado ajusta-se à fase fálica; e, finalmente, o temor ao superego, que assume uma posição especial, ajusta-se ao período de latência”*. Podemos concluir este passeio pelos trabalhos de Freud onde esta questão da debilidade do ego para fazer frente às exigências pulsionais é tratada, com o *Esboço de Psicanálise* (1938) *“As neuroses são, como sabemos, distúrbios do ego e não é de admirar que o ego, enquanto é débil, imaturo e incapaz de resistência, fracasse em lidar com tarefas que, posteriormente, seria capaz de enfrentar com a máxima facilidade. Nessas circunstâncias, exigências instintivas provenientes do interior, não menos que excitações oriundas do mundo externo, operam com ‘traumas’, particularmente se certas disposições inatas as vão encontrar a meio caminho. O ego desamparado defende-se delas por meio de tentativas de fuga (repressões), que posteriormente se mostram ineficazes e que envolvem restrições permanentes ao futuro desenvolvimento”*. Estamos no universo das quantidades, do recalque primário, da contracarga de excitação - ou seja, dos processos quantitativos, de intensidades.

Portanto nada nos impele a abandonar a distinção entre ‘neuroses atuais’ e psiconeuroses proposta por Freud nos textos anteriores à *Interpretação dos Sonhos*. Em 1932, na conferencia XXXII acima citada, afirma ainda sobre a adequação dos primeiros efeitos característicos do nascimento sobre a respiração e sobre o

coração, para concluir que “*a primeira ansiedade teria sido uma ansiedade tóxica*”.(grifos nossos) Por esta razão devemos conceber a gênese dos sintomas “atuais” como tóxica, isto é, como intoxicação.

Por esta razão, isto é, por problemas relativos a quantidades, por excesso ou falta, as questões levantadas pelas neuroses atuais dialogam ao longo da obra de Freud não só com as psiconeuroses. Dialogam também com o corpo na questão da deflexão da tensão da excitação sexual somática; com o narcisismo, na medida em que a angústia hipocondríaca (na paranóia) é a contrapartida da angústia neurótica^{viii} (nas psiconeuroses); com a pulsão de morte enquanto excesso que não se representa psiquicamente; e, com o masoquismo como expressão de um dos destinos dos restos da experiência de satisfação. Ainda por esta razão, é a elas que retornamos quando nos debruçamos sobre a questão das novas formas de sofrimento onde os conceitos de sujeito e de objeto aparecem subvertidos.

Falta-nos um modelo de aparelho psíquico que nos oriente em uma metapsicologia destes estados. Até mesmo porque eles são o limite do aparelho psíquico proposto por Freud no capítulo VII da *Interpretação dos sonhos*. Os estados-limite expõe o aparelho psíquico ao limite de sua capacidade de representar. A identificação que Freud faz entre sonho e histeria servirá de base para a construção do aparelho psíquico. No referido texto de 1900, ele diz que: “*Em vista da completa identidade entre os aspectos característicos do trabalho do sonho e os da atividade psíquica que desemboca nos sintomas psiconeuróticos, sentimo-nos autorizados a transpor para os sonhos as conclusões a que fomos levados pela*

histeria”. E do sonho o modelo para a construção do aparelho psíquico.

Mas, se, por um lado, estas conclusões permitem transpor os resultados da histeria para os sonhos, por outro, as mesmas conclusões não alcançam os aspectos característicos da neurose de angústia, da neurastenia e da hipocondria – neuroses atuais -, que se dão por deflexão do acúmulo de excitação sexual somática e não por recalçamento. Orientados somente por este modelo, tanto as neuroses atuais quanto alguns modos de adoecer que marcam hoje em dia a clínica psicanalítica permanecerão inacessíveis à escuta dos psicanalistas^{ix}.

ⁱ Dicionário Eletrônico Houaiss (2001). Editora Objetiva.

ⁱⁱ Freud, S. in *Esboço de Psicanálise* (1938): “Dessa maneira, **inferimos** um certo número de processos que são em si mesmos “incognoscíveis” e os **interpolamos** naqueles que são conscientes para nós. E se, por exemplo, dizemos “Neste ponto, interveio uma lembrança inconsciente”, o que queremos dizer é: “Neste ponto, ocorreu algo de que nos achamos **totalmente incapazes de formar uma concepção**, mas que, se houvesse penetrado em nossa consciência, só poderia ter sido descrito de tal e qual maneira. Nossa justificação por fazer tais inferências e interpolações e o grau de certeza que a elas se liga naturalmente permanecem abertos à crítica em cada caso individual, e não se pode negar que com freqüência é extremamente difícil chegar a uma decisão — fato que encontra expressão na falta de concordância entre analistas”. (Ed. Imago)(grifos nossos)

ⁱⁱⁱ Em *Esboço de Psicanálise* lemos sobre esta impossibilidade: “Tendo já estabelecido a dissecação topográfica do aparelho psíquico em um ego e um id, com os quais a diferença de qualidade entre pré-consciente e inconsciente corre paralela, e havendo concordado em que esta qualidade deve ser considerada apenas **como indicação da diferença** e não como sua essência, uma outra questão se nos apresenta. Se as coisas são assim, qual é a verdadeira natureza do estado que é revelado no id pela qualidade de ser inconsciente e, no ego, pela de ser pré-consciente, e em que consiste a diferença entre eles?”

Disso, porém, nada sabemos. E a profunda obscuridade do pano de fundo de nossa ignorância é escassamente iluminada por alguns lampejos de percepção interna (*insight*). Aqui aproximamo-nos do segredo ainda velado da natureza do psíquico. Presumimos, como as outras ciências naturais nos levaram a esperar, que na vida mental esteja em ação alguma espécie de energia, mas não temos nada em que nos basear que nos capacite a aproximarmos de um conhecimento dela através de analogias com outras formas de energia”. (Ed.Imago)(grifos nossos)

^{iv} Freud, S in “A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão”, nos adverte assim: “Senhores, a psicanálise é injustamente acusada de apresentar teorias puramente psicológicas para problemas patológicos. A ênfase que ela coloca no papel patogênico da sexualidade, que, afinal, não é certamente um fator exclusivamente psíquico, deveria por si própria defendê-la contra essa acusação. Os psicanalistas nunca se esquecem de que o psíquico se baseia no orgânico, conquanto seu trabalho só os possa conduzir até essa base e não além. A psicanálise está, portanto, pronta a admitir, e mesmo a postular, que nem todas as perturbações da visão devem ser psicogênicas”. (Ed. Imago)

^v Acerca dos estigmas encontramos as seguintes referências em Freud: “Isto é, em alguns pacientes, essa peculiaridade da *vita sexualis* — insuficiência psíquica para manejar a

excitação sexual somática — é inata sob a forma de um estigma” in Resposta ao meu artigo sobre a neurose de angustia (1895). E ainda: “Ao tentarmos, de maneira aproximadamente semelhante, induzir os sintomas da histeria a se fazerem ouvir como testemunhas da história da origem da doença, devemos partir da portentosa descoberta de Josef Breuer: Os sintomas da histeria (**à parte os estigmas**) são determinados por certas experiências do paciente que atuaram de modo traumático e que são reproduzidas em sua vida psíquica sob a forma de símbolos mnêmicos. O que temos a fazer é aplicar o método de Breuer — ou algum que lhe seja essencialmente idêntico — de modo a fazer a atenção do paciente retroagir desde seu sintoma até a cena na qual e pela qual o sintoma surgiu; e, tendo assim localizado a cena, eliminamos o sintoma ao promover, durante a reprodução da cena traumática, uma correção subsequente do curso psíquico dos acontecimentos que então ocorreram” in “Etiologia da histeria”. Vale lembrar, **à parte os estigmas**, o que equivale dizer que os estigmas não são acessíveis ao método de investigação de Breuer. Em carta de Freud a Breuer(29 de junho de 1892) os estigmas são definidos como de origem “*altamente obscura*”, como “*sintomas permanentes da histeria*”.

Foram também descritos em *Estudos sobre Histeria* como não psicogênicos. (Ed. Imago)

^{vi} Freud, S. Contribuições a um debate sobre a masturbação (1912) II - considerações finais. (Ed. Imago)

^{vii} *Já tive ocasião de dizer que me inclino a classificar a hipocondria, juntamente com a neurastenia e a neurose de angústia, como uma terceira neurose “real”* in “Introdução ao Narcisismo”. Op.cit. (Ed. Imago)

^{viii} “*Vemos que, se acompanharmos essa linha de raciocínio, nos defrontaremos não só com o problema da hipocondria, mas também com o das outras neuroses ‘reais’ — a neurastenia e a neurose de angústia. Paremos, portanto, nesse ponto. Não pertence ao âmbito de uma indagação puramente psicológica penetrar tanto nas fronteiras da pesquisa fisiológica. Mencionarei simplesmente que, a partir desse ponto de vista, podemos suspeitar que a relação da hipocondria com a parafrenia é semelhante à das outras neuroses ‘reais’ com a histeria e a neurose obsessiva: podemos desconfiar, vale dizer, que ela está na dependência da libido do ego, assim como as outras estão na da libido objetal, e que a ansiedade hipocondríaca é a contrapartida, enquanto provém da libido do ego, da ansiedade neurótica*”.In Introdução ao Narcisismo (Ed. Imago) (grifos nossos)

^{ix} Vale seguir um pouco adiante o texto de Freud: “Por conseguinte, tomamos da teoria da histeria a seguinte tese: uma cadeia de pensamento normal só é submetida a esse tratamento psíquico anormal que vimos descrevendo quando um desejo inconsciente, derivado da infância e em estado de recalçamento, se transfere para ela. Segundo essa tese, construímos nossa teoria dos sonhos sobre o pressuposto de que o desejo onírico que fornece a força impulsora provém invariavelmente do inconsciente; esse pressuposto, como eu mesmo estou pronto a admitir, não pode ser genericamente comprovado, embora tampouco se possa refutá-lo. Entretanto, para explicar o que se pretende dizer com “**recalçamento**”, termo com que já jogamos tantas vezes, é necessário avançar mais uma etapa na construção de nosso **arcabouço psicológico**” in *Interpretação dos Sonhos*, cap VII, item E. (Ed. Imago)(grifos nossos)

Rio de Janeiro, 09/10/03

Miguel Calmon du Pin e Almeida

mcalmon.trp@terra.com.br